

Desigualdades sociais em Engenharia Clínica em tempos de pandemia da COVID-19

Autor: Bruno Andreas Sousa de Camargo da Veiga Roma, Associação Brasileira de Engenharia Clínica, bruno.roma@abeclin.org.br

Introdução

O ano de 2020 foi marcado por lutas contra a desigualdade racial e de gênero em diversos países, e no Brasil não foi diferente. Pesquisas trazem à tona uma realidade cruel vivenciada por diversas pessoas no acesso à educação e ao trabalho devido a cor de pele ou ao gênero, em que mulheres e negros (pardos e pretos) têm maior dificuldade para ingressar no mercado de trabalho, enquanto brancos percebem maior facilidade (COSTA; SILVA, 2020; IPEA, 2020).

No Brasil temos um legado de desigualdades sociais profundas, evidenciado pelo mercado de trabalho. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios no âmbito da pandemia (PNAD Covid-19) desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) trouxe luz à realidade enfrentada pelos brasileiros neste momento de pandemia de COVID-19 (IPEA, 2020).

No estudo da PNAD Covid-19 foi levantada a quantidade de pessoas na força de trabalho no Brasil em julho de 2020 de 93,7 milhões de brasileiros, divididos conforme Figura 1 Força de trabalho medida em julho de 2020. Do total de respondentes da pesquisa PNAD Covid-10, 54,9% se declararam pardos ou pretos (IPEA, 2020), e 42,4% se declararam mulheres.

Figura 1 Força de trabalho medida em julho de 2020

| Indicadores | Total | Mulheres negras | Mulheres Brancas | Homens negros | Homens brancos |
|--------------------------------------|--------|-----------------|------------------|---------------|----------------|
| Pessoas na força de trabalho (1 mil) | 93.737 | 20.598 | 19.141 | 29.391 | 23.540 |

Objetivo

Diante deste cenário de desigualdade, levantou-se a necessidade de entender como profissionais de engenharia clínica estão inseridos neste contexto, verificar se sentem os efeitos da desigualdade durante suas carreiras, e comparar com estudos que envolvem a população brasileira.

Método

Levantou-se a necessidade de entender como os profissionais de Engenharia Clínica estão inseridos na estatística da desigualdade brasileira.

Para isso, foi realizada uma pesquisa entre os dias 28/10/2020 à 02/11/2020 com profissionais de engenharia clínica através de um questionário online, com o objetivo de

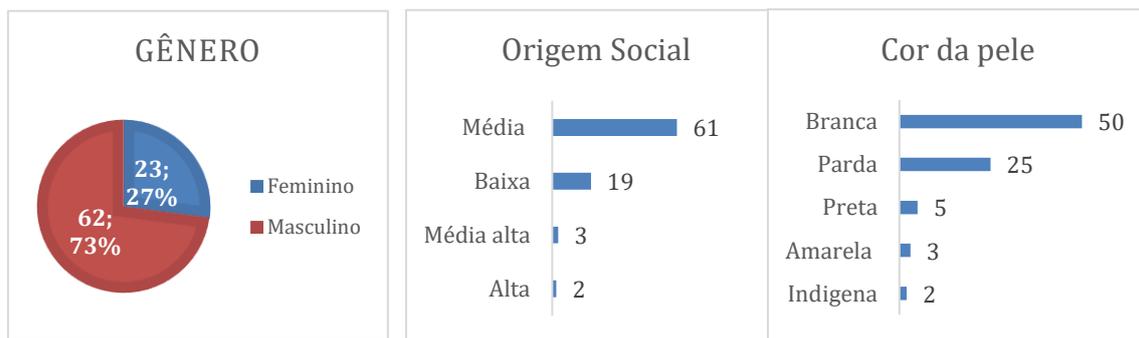
identificar se os profissionais já tiveram dificuldades durante a carreira devido a preconceito de gênero, cor de pele ou origem social.

Na primeira parte do questionário havia perguntas sobre cidade e estado de residência, idade, origem social, gênero, cor de pele e formação para identificação. Na segunda parte foram questionados os fatores que prejudicaram ou beneficiaram o profissional na carreira.

Resultados

Foram coletadas 85 respostas válidas. Deste total, 62 eram homens (73%) e 23 mulheres (27%). Quando questionados sobre a origem social, 61 responderam classe média (72%), 19 classe baixa (22%), 3 classe média-alta (3,5%) e 2 classe alta (2,5%). Quanto a cor da pele, 50 responderam ser da cor branca (59%), 25 da cor parda (29%), 5 da cor preta (6%), 3 da cor amarela (3,5%) e 2 de origem indígena (2,5%).

Figura 2 Gráficos da primeira parte do questionário



Na segunda parte do questionário foram feitas 3 perguntas questionado se o profissional já havia se sentido prejudicado ou beneficiado por fatores sociais como cor de pele, gênero ou origem social para acesso à educação e ao emprego. As respostas estão representadas na Tabela 1.

Tabela 1 respostas da segunda parte da pesquisa

| Pergunta | Não se sentiram nem prejudicados nem beneficiados | Sentiram-se prejudicados | Sentiram-se beneficiados |
|--|---|--------------------------|--------------------------|
| Como se sentiram para acesso à educação? | 63 (74%) | 15 (18%) | 7 (8%) |
| Como se sentiram para acesso ao emprego? | 61 (72%) | 18 (21%) | 6 (7%) |

Como fatores que influenciaram os dados acima, a origem social foi escolhida como primeiro fator por 31 respondentes, cor da pele foi escolhida como segundo fator por 24 e gênero foi escolhido como terceiro fator por 21. Neste item a resposta não era obrigatória, pois quem não se sentiu prejudicado ou beneficiado poderia se abster da resposta.

Ao final desta etapa podemos perceber que 1 em cada 5 já se sentiu prejudicado, revelando uma parcela significativa de desigualdade na Engenharia Clínica.

Conclusão

Foi possível perceber que a porcentagem de profissionais negros e mulheres em Engenharia Clínica está distante da distribuição da força de trabalho no Brasil.

Embora a maioria dos profissionais não se sinta prejudicado ou beneficiado em suas carreiras por fatores sociais, é evidente que uma parcela importante dos profissionais de Engenharia Clínica passa por dificuldades para desenvolver suas carreiras. Olhar para estes profissionais e promover ações afirmativas é importante para garantir igualdade entre os profissionais e uma sociedade mais justa.

Referências

COSTA, Bruno Lazzarotti Diniz; SILVA, Matheus Arcelo Fernandes. **Desigualdade para inconformados: dimensões e enfrentamentos das desigualdades no Brasil**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/213590>>

IPEA. **Nota Técnica 46 DIEST TRABALHO, POPULAÇÃO NEGRA E PANDEMIA: NOTAS SOBRE OS PRIMEIROS RESULTADOS DA PNAD COVID-19**. [s.l: s.n.]. v. 46

THEODORO, Mário; JACCOUD, Luciana. **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas. Parte II. Raça e Educação: os Limites das Políticas Universalistas**. [s.l: s.n.].

Disponível em:

<http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/acoes_afirm_combate_racismo_americas.pdf><http://repositorio.go.senac.br:8080/jspui/handle/123456789/202><http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:A??es+afirmativas+e+combate+ao+>>